

Camilo e Machado: encontros e desencontros

ARNALDO SARAIVA

Universidade do Porto



Até à segunda década do sec. XIX os estudiosos e os leitores de textos escritos em português, vivessem eles em Portugal, no Brasil ou noutros países, poderiam prestar grande atenção à sua diversidade estética ou estilística, mas, se poderiam relacioná-la com vivências em diferentes espaços socioculturais e geográficos, dificilmente se empenhariam em surpreender neles instintos, ou intenções, ou especificidades nacionalistas. Esse empenho só se impôs alguns anos depois da consolidação da independência do Brasil e do simultâneo triunfo das ideias românticas, que viam na literatura um lugar e um instrumento privilegiado da afirmação ou da identidade nacional, se não mesmo a melhor encarnação do espírito nacional.

De então para cá, os intelectuais portugueses, com e sem complexos ou ressentimentos, foram-se resignando à ideia de uma cisão que muitos brasileiros quiseram aprofundar, fechando-se uns e outros nos seus castelos; por fervor ou preconceito nacionalista, quase todos os ensaístas e historiadores portugueses e brasileiros passaram a separar obras e autores que antes viam linguística e esteticamente associados, e se desinteressaram até de analisar as semelhanças e diferenças entre o que começara a chamar-se literatura portuguesa e literatura brasileira, não se preocupando com os equívocos, as vantagens ou as desvantagens de tal classificação, mas também não suspeitando que o comparatismo poderia levar afinal à evidência de especificidades nacionais, que para alguns valeriam como a maior justificação e legitimação de uma literatura.

Ora o comparatismo literário tem outros objectivos bem mais relevantes do que os das simples provas da proeminência, da precedência ou da ascendência nacionais, pois se empenha em captar o significado mais esquivo de textos produzidos em diferentes espaços ou circunstâncias, em analisar os mecanismos da criação literária e as complexidades do fenómeno literário universal a partir de textos em que são legíveis repetições e diferenças, constantes e variações, correspondências e incorrespondências, susceptíveis de contribuir para a

construção de uma teoria geral da literatura ou até do sentido.

Foi essa ideia, não o fervor nacionalista, que me levou nos anos 80 a empenhar-me no estudo dos modernismos português e brasileiro. Até hoje, continua por fazer a análise comparativa de correntes das literaturas de Portugal e do Brasil, até mesmo das que, como o realismo, o parnasianismo, o simbolismo, se afirmaram em tempos de bem maior convívio entre os escritores dos dois lados do Atlântico, que escreviam numa língua bem menos normativamente diferenciada do que a dos nossos dias.

O que aumentou consideravelmente nas duas últimas décadas foram os ensaios em que se analisam as relações de algum escritor português com algum escritor brasileiro. As relações de Eça de Queiroz e Machado de Assis, por exemplo, têm sido objecto de numerosos estudos, publicados em livros autónomos como os de Alberto Machado da Rosa (*Eça, Discípulo de Machado?*, 1963) e Constantino Paleólogo (*Eça de Queiroz e Machado de Assis*, 1979), em biografias machadianas como as de R. Magalhães Júnior (*Vida e Obra de Machado de Assis*), em obras que relacionam Eça e o Brasil (Heitor Lyra, *O Brasil na Obra de Eça de Queiroz*, Arnaldo Faro, *Eça e o Brasil*), em obras colectivas, como o *Suplemento ao Dicionário de Eça de Queiroz* e alguns volumes de actas de congressos como *Eça & Machado*, ou em livros e revistas de diversa espécie: lembro sobretudo textos assinados por Lúcia Miguel Pereira, João Gaspar Simões, Hermínio de Miranda, A. Campos Matos, Beatriz Berrini, Nelson H. Vieira, João Camilo, Pedro Calheiros, Lélia Parreira Duarte, Marli Fantini Scarpelli, Moema Cotrim Saes, Lucette Petit, John Gledson...

É verdade que os romances e as crónicas de Eça já em sua vida tinham sucesso (e às vezes escândalo) garantido junto dos jornalistas, dos críticos e dos leitores brasileiros, entre os quais alguns escritores que até foram seus amigos pessoais: Joaquim Nabuco, Olavo Bilac, Magalhães de Azeredo, Eduardo Prado, Domicio da Gama, Oliveira Lima, etc.

Mas a enorme bibliografia sobre a relação de Machado e Eça, em boa parte determinada pela famosa polémica de 1878 à volta de *O Primo Basílio*, contrasta com a escassez da bibliografia sobre a relação de Machado e Camilo – do Camilo que muito escreveu sobre brasileiros e “brasileiros” (portugueses de “torna-viagem”), que em 1879 também provocou com o seu *Cancioneiro alegre* uma polémica luso-brasileira, e que também teve sempre leitores fiéis no Brasil, para onde chegou a pensar emigrar, onde esteve o seu filho Nuno e onde viveram escritores seus amigos, não brasileiros mas portugueses: entre outros, Vieira de Castro, Sena Freitas, António Moutinho de Sousa, e Faustino Xavier de Novais. Bastaria este, que foi íntimo de ambos, para justificar uma atenção maior do que a que tem sido dada às relações de Camilo e de Machado, até hoje confinada a breves ou parciais estudos de Eugénio Gomes, Josué Montello, Guilherme dos Santos Neves, Ana Maria Almeida, Helena Carvalhão Buescu. Nem o precioso *Dicionário de Camilo Castelo Branco* de Alexandre Cabral¹ achou por bem dedicar nas suas mais de 650 páginas um breve verbete a Machado.

Camilo, que nasceu em 16 de Março de 1925, era 14 anos mais velho do que Machado, nascido em 21 de Junho de 1939. Camilo estreou-se nas letras em 1945 com o folheto e poemeto *Os pundonores desagradados*; Machado estreou-se cerca de dez anos depois, publicando em 3 de outubro de 1854 um soneto no jornal *Periódico dos Pobres* carioca, que por sinal tinha o mesmo nome de um jornal do Porto (*Periódico dos Pobres no Porto*) onde em 1846 Camilo chegou a colaborar. Em 1854 já este se tornara conhecido em Portugal e no Brasil, e publicara obras como a peça *Agostinho de Ceuta* (1847), a narrativa *Maria! Não Me Mates que Sou Tua Mãe* (1848), que seria rápida e repetidamente reeditada, o texto polémico *O Clero e o Sr. Alexandre Herculano* (1850), e o romance *Anátoma* (1851), entre outras. Não sabemos se alguma destas obras chegara já às mãos do estreante Machado; o que sabemos é que nesse ano e nos seguintes ele frequentava assiduamente o Gabinete Português de Leitura, que por certo recebia as publicações de Camilo (não por acaso é lá que se guarda o manuscrito do *Amor de perdição*) e convivia quase só com jovens intelectuais portugueses, quase todos do Porto ou arredores, como Francisco Gonçalves Braga, que chegou ao Rio exactamente em 1854 e que segundo Jean-Michel Massa foi “le premier maître”² de Machado, ou como António Moutinho de Sousa, Faustino Xavier de Novais, Artur Napoleão, Furtado Coelho, Manuel da Silva Melo Guimarães, Ernesto Cibrão, e, para não alongar a lista, Francisco Ramos da Paz – seu companheiro de quarto entre 1860 e 1869.

Alguns desses amigos de Machado conheciam pessoalmente Camilo, de que, como dissemos, Faustino

Xavier de Novais era íntimo; cinco anos mais novo, Camilo era visita da casa de seus pais e seu companheiro de farras e de vários projectos e colaborações; e a amizade não esfriou depois que, em 1858, Faustino emigrou para o Rio de Janeiro, onde em 1962 e 1963 editou a revista bimestral *O Futuro*, que publicou em folhetins o romance *Agulha em palheiro* e outras colaborações de Camilo e de Ana Plácido, como publicou o poema do próprio Faustino “A Camilo Castelo Branco”, poema que o homenageado reproduziu, com nota laudatória e amiga, no *Cancioneiro alegre*; além disso, Camilo correspondeu-se com ele (conhecem-se 4 cartas), referiu-o nos romances *Coração, cabeça e estômago* e *A brasileira de Prazins*, fez-lhe “um caudal de referências” em colaborações avulsas³ e escreveu textos críticos para as suas *Novas poesias* e para as suas *Poesias póstumas*.

Ora, mal chegado ao Rio, Faustino deve ter conhecido logo, talvez por intermédio de algum portuense, o jovem Machado de Assis; e apesar da diferença de idade (Machado era 19 anos mais novo do que ele) não tardaria a transformar-se num dos seus melhores amigos, com quem trocava publicamente críticas, comentários, poemas, e que chamaria para colaborar assiduamente no *O Futuro*; já muito adoentado (viria a falecer em 16 de agosto de 1869), ainda pôde apresentar-lhe a irmã Carolina, que chegou ao Rio em 18 de junho de 1868, e que cerca de ano e meio depois se tornaria a senhora Machado de Assis. Por essa altura também Machado reforçaria os laços com o cunhado Miguel de Novais, que também foi colaborador do *O Futuro*, que se tornou conhecido como fotógrafo no Brasil, e que, regressado a Portugal, manteria interessante correspondência com o casal do Cosme Velho (conhecemos 24 dessas cartas).

Se não houvesse outras vias, o convívio de Machado com Faustino, com o seu irmão e com a sua irmã bastaria para estimular a sua relação com Camilo. Mas Machado conviveu com outros amigos e admiradores do autor de *Os Diamantes do brasileiro*, e pela sua condição de escritor autodidacta e de filho de portuguesa, ou de companheiro de portugueses, estaria naturalmente atento à melhor prosa que viesse de Portugal, tanto mais que se formara sobretudo à base da leitura de clássicos portugueses. Recorde-se o que escreveu José Montello:⁴

Entre os papéis manuscritos do mestre, recolhidos após a sua morte ao arquivo da Academia Brasileira de Letras, figuram muitas folhas avulsas com anotações dos clássicos portugueses, notadamente

¹ Lisboa: Caminho, 1989.

² “Un ami portugais de Machado de Assis: António Moutinho de Sousa”, in *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 3ª série, n. 13, 1971, p. 243.

³ Alexandre Cabral, *Dicionário de Camilo Castelo Branco*, p. 453.

⁴ Valho-me, não tendo o estudo de Josué Montello à mão, da citação de Herculano Gomes Mathias in *Brasileiros e portugueses*, Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2000, p. 75-76

João de Barros, Bernardes, Filinto Elísio, Bernardim Ribeiro, Amador Arrais, D. Francisco Manuel de Melo, Camões, Fernão Mendes Pinto, Gil Vicente, Frei Luís de Sousa, Rodrigues Lobo, Sá de Miranda e padre António Vieira, claro testemunho de que o grande escritor, não se contentando com a leitura das grandes obras de seus predecessores no idioma comum, estudava-lhes atentamente as galas de linguagem, com as quais, no momento oportuno, sabia enriquecer seu próprio estilo.

Ou recorde-se o que escreveu João Ribeiro, evocando confidências do próprio Machado: “Num certo momento de sua vida, ele foi o redactor único de uma gazeta; não tinha tempo de enchê-la, nem sequer de traduzir coisas francesas e inglesas. Acudiu-lhe um estratagemas: adquiria todas as folhas portuguesas que podia haver à mão, e delas recortava todos os artigos úteis e inúteis”, alguns assinados pelos escritores em voga em Portugal, de Rebelo da Silva ou Latino Coelho a João de Deus e Pinheiro Chagas.⁵

O nome de Camilo não aparece nesta enumeração. Mas desde os seus vinte anos que Machado dera pública prova de contacto com a obra de Camilo. Numa “crónica” da série “revista dramática” publicada no *Diário do Rio de Janeiro* em 13 de abril de 1860 ele fez o resumo da peça camiliana *Espinhos e Flores*, juntando-lhe um rápido mas claro e positivo juízo não só sobre a peça (“uma composição feliz”, de “estilo vigoroso e brilhante”, com acção “simples e velha” a que o autor emprestara “roupas novas” que lhe davam “um aspecto fresco e loução”) mas também sobre a obra do autor, “um escritor português muito conhecido”, com “uma fecundidade e um talento que lhe dão já um lugar distinto na literatura portuguesa”, graças aos seus “romances lindíssimos” e às suas “composições dramáticas”.⁶

Uma segunda referência de Machado a Camilo encontramos-na numa “crónica” datada de 15 de Janeiro de 1863 e publicada na revista *O Futuro*. Aí anuncia Machado que o “redactor principal” dessa revista “tem entre mãos um romance do Sr. Camilo Castelo Branco, matéria de um grosso volume” que pretende “dar todo no *Futuro*, “capítulo por capítulo”, já que foi “escrito expressamente para o *Futuro*”.⁷ Esse romance era *Agulha em palheiro*, que efectivamente começaria pouco depois a sair em “folhetins”, o primeiro dos quais antecedido de uma crítica de Machado ao livro de Ana Plácido *Luz coada por ferros*.⁸

Muitos anos depois, Machado voltaria a referir-se a Camilo numa crónica da série “Bons dias!” publicada na *Gazeta de Notícias* de 7 de Março de 1889 em que, ironizando sobre o purismo do latinista brasileiro Castro Lopes, escreveu: “Mandei logo (há uns seis meses) saber se havia em Portugal alguma *luneta-pênsil*, das que inventara Camilo Castelo Branco, há não sei quantos anos”.⁹

E Camilo? Conheceria ele Machado? Graças também aos amigos comuns que tinha no Brasil, é possível que o lesse logo desde 1860, quando Machado escreveu sobre ele. E é seguro que o lia na revista *O Futuro*, de que foram os dois mais assíduos colaboradores. Mas a primeira referência que encontrei de Camilo a Machado é bem mais tardia; data de 1874 quando em *Noites de Insónia* ele se referiu às “novelas mimosas de Luís Guimarães” e às “arrobadas mesclas de prosa e verso de Machado de Assis”.¹⁰

Curiosamente, é a partir desse ano que começam a aparecer em Portugal – em livros, em almanaques, em revistas e jornais – várias colaborações de Machado. Mas, por estranho que pareça, Camilo não incluiu Machado – ao tempo bem mais celebrado como poeta do que como ficcionista – no seu *Cancioneiro alegre de poetas portugueses e brasileiros*, onde todavia aparece o seu nome na nota que escreveu sobre Caetano Filgueiras, em que fala nas “flores da bucólica *Epístola* a Machado de Assis”. E no ano em que foi publicado o *Cancioneiro* Camilo escreveu o “disperso” intitulado “Ao Snr. Margarida”, que termina com a referência a vários nomes de autores brasileiros, entre os quais Machado, que diz serem “iniciadores de uma literatura” ou sugere ter em alta consideração.

Embora possa haver outras alusões de Camilo a Machado, e vice-versa, para lá das que assinalamos, parece óbvio que elas não serão relevantes, nem numerosas, o que é surpreendente e intrigante, tanto mais que eles tiveram vários amigos comuns, apareceram juntos nalgumas publicações, e manifestaram-se com regularidade em cartas, crónicas e críticas sobre muitos autores contemporâneos. Machado, por sinal, escreveu eloquentes elogios de Castilho, Pinheiro Chagas, Júlio Dinis e Rebelo da Silva, que os não mereceriam mais do que Camilo; e até assinalou com palavras lúcidas e comovidas as mortes dos portugueses Pedro Luís, Faustino Xavier de Novais e Eça de Queiroz, mas nenhuma lhe mereceu o suicídio de Camilo, que aliás já esquecera ou “substituíra” escandalosamente no artigo com que, em 1875, quis assinalar a morte de António Feliciano de Castilho, e em que escreveu: “A Providência fê-lo viver bastante para opulentar o tesouro do idioma natal, o mesmo de Garrett e Gonçalves

⁵ *Dispersos de Camilo*, org. por Júlio Dias Costa, v. IV, Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 546

⁶ *Obras completas*, v. 30, Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1937-1958, p. 176-178.

⁷ p. 305-306.

⁸ p. 436.

⁹ *Bons Dias!*, org. por John Gledson, São Paulo: Hucitec, 1990, p. 177.

¹⁰ *O Imparcial*, 4 de agosto de 1916; citado por R. Magalhães Júnior, *Vida e obra de Machado de Assis*, v. 1, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/IN-MEC, 1981, p. 350.

Dias, de Herculano e J. F. Lisboa, de Alencar e Rebelo da Silva”.¹¹

Note-se que mais ou menos por essa altura a Livraria Popular de A. A. da Cruz Coutinho, do Rio de Janeiro, vendia e publicitava umas 16 obras de Camilo, entre as quais *Amor de perdição*, *Os brilhantes do brasileiro*, *Carlota Ângela*, *Coração, cabeça e estômago*. Mas também é verdade que já antes da polémica do *Cancioneiro alegre* Camilo conhecia no Brasil algum desgaste, não só por causa do que insinuava sobre o Brasil e os brasileiros na novela “O Cego de Landim”¹² mas também certamente pelo avanço das ideias anti-românticas ou realistas. Recorde-se o que Silva Pinto escreveu no seu livro *No Brasil* (1879): “Camilo está em descrédito (sic)”.¹³

As relações entre os dois grandes escritores suscitam ainda muitas interrogações – ou estranhezas. Por exemplo: não se sabe de correspondência entre eles, quando eram ambos bons epistológrafos, e de um e de outro se conhecem cartas que atravessaram o Atlântico. Outro exemplo: Machado, censor teatral em 1871, terá aprovado a peça de Camilo *O condenado*, que se inspirava no célebre escândalo de Vieira de Castro; mas, ele que também fora amigo de Vieira de Castro, não saiu em defesa da peça quando, logo na noite de estreia num teatro carioca, a sua representação foi interrompida e proibida. Ainda outro exemplo: ignoramos se alguma vez Camilo e Machado trocaram livros; nas suas bibliotecas, no que delas restou ou pelo que delas sabemos, não havia livros (já se não diz: livros com dedicatória) do colega ultramarino.

É possível que um e outro se quisessem afastados por nobres razões de natureza estética ou por não tão nobres razões de competitividade, emulação, despeito. A Camilo talvez valesse quase como uma afronta a divisão

do prestígio literário com um mais jovem mulato do Brasil; a Machado de Assis, que não escondeu a emulação com Eça, talvez até conviesse uma distanciação que mais facilmente faria esquecer as várias e nítidas dívidas ao autor do *Amor de perdição* – dívidas de que noutra oportunidade nos ocuparemos.

Camilo e Machado viveram mais de 60 anos (respectivamente 65 e 69), tendo sido contemporâneos por mais de 50; tiveram amigos comuns; tiveram mestres ou modelos comuns; apareceram juntos nalguns jornais e revistas; viveram os últimos anos atormentados pela ideia da cegueira, que levou um ao suicídio e o outro a revigorado pessimismo; deixaram uma obra enorme (na quantidade e na qualidade) e polifacetada: poesia, romance, conto, teatro, crónica, crítica, etc.

“Diferentes no temperamento” (Josué Montello), nados e criados em espaços diferenciados mas em tempos aproximados, não sabemos ao certo até onde foi a admiração de um pelo outro, o conhecimento ou a ignorância de um pelo outro. Nos seus encontros e desencontros eles podem figurar encontros e desencontros das culturas e literaturas de Portugal e do Brasil na segunda metade do sec. XIX e, colaboradores de uma revista carioca que se chamava *O Futuro* e que foi criada por um português que era amigo dos dois, podem pelo seu exemplo positivo e negativo dar razão ao que o próprio Machado sugeriu numa crónica de 1862: que Portugal e Brasil só ganharão em confirmar com um “abraço literário” o “abraço político”, ou que não será “no campo da inteligência” que se consagrarão as divisões entre portugueses e brasileiros.¹⁴

Recebido: 09 julho de 2009
Aprovado: 31 agosto de 2009

¹¹ *Obra completa*, v. III, Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, 1973, p. 979.

¹² V. Raimundo Magalhães Júnior, *Vida e obra de Machado de Assis*, v. III, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira /INL-MEC, 1981, p. 195-196.

¹³ *No Brasil*, Porto: Tipografia de António José Teixeira, 1879, p. 158.

¹⁴ *Diário do Rio de Janeiro*, 22 de março de 1862.